

**DAS PÁGINAS DO *EVENING MIRROR* AO CIBERESPAÇO:**

**TRADUÇÕES, ADAPTAÇÕES E ANIMAÇÕES DE *THE RAVEN.* [[1]](#footnote-1)**

**Ana Maria Zanoni da Silva[[2]](#footnote-2).**

**Resumo**

Mediante a profusão de traduções do poema *The Raven*(1845), do poeta, contista e crítico estadunidense Edgar Allan Poe para diferentes mídias, objetiva-se analisar o *corpus* composto pelo filme *The Raven* (2012), com roteiro de Ben Livingston e Hannah Shakespeare e direção de James McTeigue; o terceiro episódio de *Os Simpsons* denominado *No* *Dia das Bruxas I* (1990), escrito por Sam Simon e dirigido *por*  David Silverman; a adaptação musical *The Raven by Edgar Allan Po* (2011); o curta metragem *Edgar Allan Poe’s The Raven*, de Peter Bradeley e a animação *O corvo de Edgar Allan Poe* de Guto Russel (2014), à luz dos estudos de Plaza( 1987), e descrever como tais traduções retomam o texto original e quais aspectos, no decorrer do processo de transmutação do verbal para o áudio visual, são adaptados, atualizados, bem como dialogam com o ensaio *Philosophy of Composition* (1846).

**Introdução**

Na concepção de Plaza (1987, 66), os meios tecnológicos absorvem e incorporam diferentes sistemas sínicos e traduzem diferentes linguagens para o novo suporte, por meio de um processo denominado de transcodificação, o qual possibilita “o transito intersemiótico entre o visual, o verbal o acústico e o tátil”. No decorrer do processo de transcriação de formas, faz-se necessário penetrar nas “entranhas dos diferentes signos”, para conhecer suas relações estruturais, pois são estas relações que permitem descrever os procedimentos que regem a transmutação de formas, isto é, como ocorre a associação de diferentes códigos e meios no decorrer da criação da mensagem (PLAZA, 1987, p.71). Nesse trânsito de um sistema para outro, a tradução intersemiótica é um campo profícuo de criação. Ela ocorre por meio de processos como os: de transcriação, no qual a produção de significados se dá por meio da qualidade entre a tradução e o original; de transposição, ou seja, a significação se dá por meio da transferência de um signo de um meio para outro meio; e de transcodificação, cuja produção de significados ocorre a partir de uma regra ou símbolo (PLAZA, 1987, p.94).

Com o advento das novas tecnologias, as obras clássicas da literatura mundial tornaram-se matéria para traduções intersemióticas, as quais foram disseminadas em diferentes mídias. Entre os autores, cuja obra se destaca como objeto de diferentes leituras efetuadas com o propósito de serem veiculadas em diferentes mídias, está o poeta, contista e crítico Edgar Allan Poe (1809-1849). Em 29 de janeiro de 1845, as páginas do jornal *Evening Mirror* tornaram públicos os versos do poema *The Raven*, cuja beleza e labor poético imortalizariam seu criador. Ao longo de dezoitos estrofes, as quais perfazem um total de cento e oito versos, Poe narra o desespero do eu-lírico mediante a perda da mulher amada, a jovem Leonore.

Desde a sua publicação, o poema mereceu a atenção de poetas, escritores e críticos como Charles Baudelaire, Fernando Pessoa, Machado de Assis, Haroldo de Campos, cujas traduções interlingual propiciaram aa disseminação e favoreceram a apreciação da obra do poeta estadunidense por escritores como Stéphane Mallarmé, Paul Valéry, Marcel Proust entre outros. Em 2013, as traduções do poema, realizadas por Machado de Assis e Fernando Pessoa, deixaram o livro impresso e adentraram o ciberespaço, por meio do projeto *Freebook* da editora DarkSide, e estão disponíveis, no formato de e-book, para *download* gratuito no *site* dessa editora. O *e-book* tem ilustrações de Édouard Manet e também conta com um dos ensaios críticos de Charles Baudelaire sobre a obra de Poe, o qual fora publicado orginalmente na *Revue de Paris*, em 1852.

Além de ser traduzido para diferentes idiomas, o poema também é objeto de traduções intersemóticas ou trasmutações, isto é, de atividades tradutoras nas quais há a interpretação de signos verbais em signos não-verbais, as quais envolvem diferentes sistemas sígnicos (JAKOBSON,1988). Ao se valerem de outros sistemas sígnicos, tais traduções disseminaram o poema em outras mídias como, por exemplo, a cinematográfica.

Entre as adaptações cinematográficas do poema, destacam-se: *The Raven* (1915), filme mudo de Charles Broow; *The Raven* (1935), com direção de Lew Anders, cuja trama versa sobre o estranho interesse de um cirurgião, fascinado pela obra de Poe, por uma jovem paciente; *The Raven* (1963), com roteiro de  Richard Matheson e direção e produção de Roger Corman, cujo enredo é uma adaptação do poema e retrata uma história de amor e horror; *The Crow* (1994), adaptação de Alex Proyas dos quadrinhos homônimos de James O’Barr, em que há referencias ao poema, sobretudo na cena em que Eric Draven (Brandon Lee) recita os versos de *The Raven*, bem como pelo fato de a personagem principal retornar do mundo dos mortos guiada por um corvo, ave esta cujos sofrimentos são transpostos para a personagem principal*; The Raven* (2012), com roteiro de Ben Livingston e Hannah Shakespeare e direção de James McTeigue , no qual são retratados os últimos dias da vida de Poe e, por meio da intertextualidade com o conto *The murders in the Rue Morgue*, cria-se uma atmosfera de suspense em torno do assassinato de uma mulher por estrangulamento. E, assim como na trama do referido conto, entra em cena, na película, o detive Emmett Fields que, dada a semelhança entre o crime e a narrativa, passa a suspeitar que Edgar Allan Poe seja o criminoso.

O poematambém está presente em séries de animação, como, por exemplo, no terceiro episódio da segunda temporada de *Os Simpsons* denominado *No* *Dia das Bruxas I* (1990), escrito por Sam Simon e dirigido *por* David Silverman, no qual Lisa o lê para seu irmão Bart. No decorrer da leitura de Lisa, há a inserções de cenas, por meio das quais é possível constatar que Sam Simon estabelece um diálogo com o poema e transpõe para a tela características expostas nos versos como, por exemplo, o fato de Homer atuar desempenhando o papel do eu lírico, envolto por uma atmosfera de horror, decorrente da súbita entrada do corvo em seus aposentos, durante uma noite tempestuosa de inverno, bem como pelos pensamentos sombrios que o atormentam devido à morte da amada.

Além de traduções e adaptações para o cinema e minisséries, seja por meio da declamação do poema ou por filmes de animação, *The Raven* também pode ser apreciado por meio de vídeos publicados no *You Tube*. Dentre eles detacam-se: *O corvo de Edgar Allan Poe*, a animação renderizada no blender 2.69 e publicada em 17 de março de 2014, cujos créditos são Guto Russel, na qual os versos do poema ganham vida e ao serem encenados, à medida que se ouve a declamação da tradução em língua portuguesa efetuada por Machado de Assis; em *Edgar Allan Poe’s The Raven*, um curta metragem escrito e dirigido Peter Bradeley, está presente o texto original em inglês. Cabe ressaltar que ambas as adaptações exploram o aspecto narrativo do poema. Já a adaptação musical *The Raven by Edgar Allan Poe - Musical Adaptation* (2011) retrata o texto original e explora a sonoridade do refrão composto pela palavra *nevermore*, em torno da qual gravitam as demais aliterações (ore).

Constata-se que as traduções intersemióticas, acima mencionadas, se concretizaram a partir de leituras do texto original, efetuadas em diferentes épocas, as quais se valem de diferentes formas, a fim de serem veiculadas por diferentes mídias como o *e-book*, a cinematográfica, a televisiva, o curta-metragem e a animação disponibilizados no formato de vídeos compartilhados pela plataforma *You Tube* no ciberespaço*,* ou seja*, “*no meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVI, 1999. p. 17). Trata-se, portanto, de um espaço em que as informações são disponibilizadas, e no ato de se alimentar esse espaço existe a realização de leituras que visam abstrair de textos clássicos os conteúdos a serem disponibilizados. E, no que se refere à disseminação de textos literários nesse espaço de compartilhamentos, a tradução intersemiótica se faz presente.

Ao se referir à atividade tradutora, Campos concebe a tradução como “uma forma privilegiada de leitura crítica, será através dela que se poderão conduzir outros poetas, amadores e estudantes de literatura à penetração no âmago do texto artístico, nos seus mecanismos e engrenagem mais íntimos” (CAMPOS, 1972, p. 46). Concebida como uma forma de leitura que possibilita compreender o processo de criação literária e também como um modo de ler e inserir a história no presente, ao se efetuar tradução intersemiótica de uma dada obra faz-se necessário atentar para os meios de reprodutibilidade do texto, porque conforme Plaza “o processo tradutor intersemiótico sofre a influência não somente dos procedimentos de linguagem, mas também dos suportes e meios empregados, pois que neles estão embutidos tanto a História quanto seus procedimentos” (PLAZA, 1987. p. 10).

O crítico Haroldo de Campos, ao abordar o processo de escritura do poema *The Raven,* afirma que “o racional e o sensível, o rigor e a fantasia, não constituem dois pólos antinômicos, mas, sim, verso e reverso da mesma medalha” (1976, p. 23). A afirmação de Campos faz referência ao ensaio *Philosophy of Composition* (1846), no qual Poe expõe como obteve êxito na criação do efeito de beleza do referido poema, mostrando como a escolha do material e a combinação de tom, de imagens e de ritmo na esmerada construção da trama narrativa geram um intenso impacto emocional sobre o leitor.

Mediante a profusão de traduções do poema para diferentes mídias, surge a necessidade de se conhecer como elas retomam o texto original e quais aspectos dele são privilegiados, adaptados e atualizados, bem como estabelecem o diálogo intertextual com o ensaio *Philosophy of Compostion* (1846), publicado por Poe no *Graham’s Lady’s and* *Gentleman’s Magazine*, no qual ele descreve o processo de criação do poema *The Raven* (1845). Neste sentido, este trabalho tem por objetivo analisar o *corpus* composto pelo filme *The Raven* (2012), com roteiro de Ben Livingston e Hannah Shakespeare e direção de James McTeigue; o terceiro episódio da segunda temporada de *Os Simpsons* denominado *No* *Dia das Bruxas I* (1990), escrito por Sam Simon e dirigido *por* David Silverman; a adaptação musical *The Raven by Edgar Allan Poe - Musical Adaptation*, de Cristina Sanz(2011); o curta metragem *Edgar Allan Poe’s The Raven*, escrito e dirigido Peter Bradeley e a animação *O corvo de Edgar Allan Poe* de Guto Russel (2014), a luz dos estudos de tradução intersemiótica de Plaza( 1987), a fim de descrever como essas traduções dialogam com a vida e a obra de Poe, bem como recuperam, adaptam e atualizam o texto original do poema, assim como possíveis adequações efetuadas durante o processo de transmutação do verbal para o áudio visual.

No ensaio "A Obra de Arte na Época da Reprodutibilidade Tecnica”, Walter Benjamim mostra como as técnicas de reprodutibilidade podem transformar a noção de arte, sendo assim este trabalho se justifica por ser um momento em que se volta o foco para as relações que se estabelecem entre a obra de arte e a sua reprodutilidade técnica, por meio de tradução intersemiótica, a fim de se conhecer os processos criativos e tecnológicos envolvidos na produção de cada uma das traduções que compõem o corpus deste trabalho em consonâncias com as diferentes mídias, por meio das quais elas circulam no ciberespaço.

**2 Do *Evening Mirror* para as telas: traduções e adaptações de *The Haven***

Compreender e descrever como as traduções do poema *The Raven* (1845),que compõem o *corpus* deste trabalho, dialogam com a vida e a obra de Poe, bem como recuperam, adaptam e atualizam o texto original, assim como possíveis adequações efetuadas durante o processo de transmutação do verbal para o áudiovisual, requer, ainda que suscintamente, compreender a concepção de arte do poeta, contista e crítico norte-americano Edgar Allan Poe( 1809-1849).

Os critérios estabelecidos para a atividade crítica e poética são frutos do que Poe entende por arte, a qual em *Notas marginais* ou *Marginália é* definidacomo “a reprodução do que os sentidos percebem na natureza através do véu da alma”, e acrescenta: “a imitação pura e simples da natureza, por exata que seja, não autoriza ninguém a tomar o título sagrado de artista” (1997, p. 997). E, para reproduzir o produto da percepção dos sentidos, o escritor: “Não escolhe seus pensamentos a fim de preparar os incidentes da obra, mas tendo deliberadamente imaginado certo efeito a ser obtido inventa os incidentes, combina os eventos e os discute num tom que lhe permita alcançar o efeito preconcebido” (POE, 1968, p. 52). Considerar o efeito é o primeiro passo a ser dado no processo criativo, o qual é seguido pela escolha de se “trabalhar com os incidentes ou com o tom – com os incidentes habituais e o tom especial, ou com o contrário, ou com a especialidade tanto dos incidentes quanto do tom – depois de procurar [...] aquelas combinações de tom e acontecimento” (POE, 1997, p. 911). Tais combinações propícias à configuração da poesia e da narrativa, também se mostram pertinentes à tradução intersemiótica, porque, tal como afirma Plaza (2003, p. 209), trata-se de um saber que:

[...] se constitui nas atividades próprias da arte: saber sensível das formas. É por isso que a TI como transmutação criativa de aparências em aparências, como transcriação de formas, requer do tradutor uma sensibilidade acurada em termos icônicos e repertoriais no seu nível de *transductores* ou legissignos, vale dizer, sensibilidade para formas-significantes e a “construção dos efeitos (Poe).

No poema *The Raven* (1845), por exemplo, a percepção do estado psicológico do amante pelo leitor ocorre por meio das perguntas que o amante faz à ave, as quais, uma a uma, desnudam e intensificam a amargura, a tristeza, o clima fúnebre e revelam o estado de alma doentio, calcado no mais profundo desespero e solidão do amante mediante perda da mulher amada, cujo nome é Lenore. O nome Lenore pode ser considerado uma referência ao título do poema de Gottfried August Bürge, *Lenore* também denominado de *Leonora ou Ellenore*, publicado em 1774, cujo enredo versa sobre o retorno de William, um guerreiro que fora morto na batalha de Praga, do mundo dos mortos. A noiva do jovem, Lenore, devido à perda do amado se revolta com Deus. Em uma noite, um jovem semelhante a William bate a porta da jovem, ambos saem a cavalgar rapidamente. Ao ser questionado pela moça sobre a rapidez, o jovem responde que os mortos viajam rápido. Ao nascer do sol, eles chegam à porta de um cemitério e, ao adentrar, o jovem perde a aparência humana e revela ser a morte. Esta, por sua vez, mostra a jovem o túmulo onde está o esqueleto de William, e afirma ser aquele o leito nupcial. O chão desmorona, e Lenore, ao morrer, é cercada por espíritos que declaram: "ninguém deve brigar com Deus no céu".

O poema de Bürge versa sobre o retorno do mundo dos mortos, tema este que constitui a essência das perguntas efetuadas pelo amante ao corvo em *The Raven.* Sendo assim, para efetuar as análises do *corpus*, optou-se por escolher entre as traduções intersemioticas a adaptação musical *The Raven by Edgar Allan Poe – Musical Adaptation* (2011), a qual, por meio da inserção de imagens no campo visual do leitor/internauta, recupera elementos do poema de Bürgue, bem como recupera e explora a musicalidade presentes nos versos do texto original em inglês, para, a partir dela, estabelecer um diálogo com as demais, à luz dos pressupostos teóricos de Plaza (2003).

Como mencionado acima, *The Raven* (1845) é composto por dezoito estrofes, e para melhor realizar as análises foram selecionadas: a primeira, momento em que se instaura a atmosfera de horror; a quinta que remete ao instante em que o amante olha para ver quem está batento à porta, a sétima que retrata a entrada do corvo no aposento; e a ultima estrofe cujos versos narram o momento em que o jovem sucumbe perante a dor da perda da amada.

Em *The Raven by Edgar Allan Poe - Musical Adaptation* (2011), a imagem da primeira estrofe do poema visa suscitar a atmosfera de horror. Além de sons de trovões e chuva, há a imagem de um casarão enegrecido, em uma noite de tempestade, com apenas um ponto de luz advindo de uma das janelas, imerso entre árvores retorcidas, cujos galhos lembram braços direcionados ao edifício, como se estivessem indo ao seu encontro em um abraço, remetem o leitor/internauta aos castelos fantásticos. Na sequência, a imagem de um monumento, semelhante aqueles de cemitério, do qual emana luz, faz referencia ao poema de Lenore (1775). Do lado de fora do monumento, representando “alguém que bate a porta” há um ser, cuja imagem retrata o corvo pousado sobre um monumento e também faz pensar em um híbrido entre ave e mulher, devido os delicados detalhes da parte inferior da imagem semelhantes às camadas de babados de uma saia. Na parte superior da imagem, observa-se a mescla de capa com as asas da ave. E, finalmente, na cabeça, na qual fica mais evidente a hibridização do corpo feminino com o do corvo, torna-se evidente no formato da cabeça feminina, a qual remete ao corpo do pássaro.

No terceiro episódio da segunda temporada de *Os Simpsons* denominado *No* *Dia das Bruxas I* (1990), escrito por Sam Simon e direçãode David Silverman, por se tratar de uma tradução intersemiotica voltada mais para o púbico infanto-juvenil, a inserção da atmosfera de horror é atenuada pela voz Lisa que, ao realizar a leitura do poema, insere o leitor no universo maravilhoso, por meio da expressão “era uma vez”, ao mesmo tempo em que som de órgãos de tubos remete às catedrais góticas, fazendo alusão ao fantástico. No campo visual é inserida a cena em que Homer está sentado em uma poltrona, dormindo e segurando em suas mãos um livro cujo título é “Forgot Ten Lore”, título este que remete ao poema Lenore, de Bürgue.

Tanto em *The Raven by Edgar Allan Poe - Musical Adaptation* (2011), como o Episódio de *Os Simpsons* (1990), as traduções voltam o olhar tanto para o texto original, quanto para o texto que o antecedeu, de forma a assimilá-los e a transforma-los, por meio de um processo crítico que permite aos tradutores reatualizarem a leitura do poema, pois mostram ao leitor/internauta uma tradução com traços de “sua própria historicidade, subvertendo a ordem da sucessividade e sobrepondo-lhe a ordem de um novo sistema e da configuração com o momento escolhido” (PLAZA, 2003, p.5).

Na animação, *O corvo de Edgar Allan Poe* (2014), na qual se faz presente a oralização da tradução efetuada por Machado de Assis, bem como recursos de computação gráfica, Russel também optou por criar a atmosfera de horror por meio de recursos audiovisuais, uma vez que são disponibilizados no campo auditivo do leitor/internauta trovões, o crocitar de corvos e uma voz rouca enunciando o nome do poema e de Edgar Allan Poe. E, a primeira imagem posta no campo visual é a de um relógio de parede, marcando meia noite e quinze minutos, horário profícuo para a interlocução entre o mundo dos vivos e com o dos mortos. O cenário que compõem o aposento do amante foi atualizado com a inserção de mobiliários e adornos da atualidade, e a erudição do amante se faz notar pela presença de uma escrivaninha sobre qual estão alguns livros. A animação também volta o foco para a vida de Poe, uma vez que, sobre a escrivaninha há uma garrafa de bebida, e tal como afirma Laurent Jenny (1979, p.23).

Basta uma alusão para introduzir no texto centralizador um sentido, uma representação, uma história, um conjunto ideológico, sem ser preciso falá-los. O texto de origem lá está, virtualmente presente, portador de todo o seu sentido, sem que seja necessário enunciá-lo.

Embora não se enuncie a face menos vistosa do poeta, na qual se sobressai o uso de álcool, o leitor/internauta que não esteja munido de conhecimento prévio sobre a beleza da composição, bem como da poética escrita para descrever o processo de criação do poema, poderá vir a pensar que os desenrolar da fábula seja produto da embriaguez do amante, bem como da mente doentia do poeta, uma vez que, não é incomum que eu lírico e poeta sejam considerados como a mesma pessoa.

Ao retratar a primeira estrofe, Peter Bradeley, no curta-metragem *Edgar Allan Poe’s The Raven* (2013), por meio de recursos audiovisuais também insere no campo auditivo do leitor/internauta a declamação do poema, porém trata-se do original em inglês. O jovem está sentado em uma cadeira de frente para uma lareira e, ao lado há uma mesa, sobre a qual, também há uma garrafa de absinto – bebida consumida pelos artistas do século XIX, e que possui efeito alucinógeno. Nesse sentido, a presença da bebida sugere que as ações do amante e o horror delas decorrentes são produtos da embriagues e de alucinações, assim com remete à vida de Poe, pois tal como afirma Plaza (2003, p.6), ao recortar o passado para dele extrair um original, a tradução “é influenciada por esse passado ao mesmo tempo em que ela como presente influencia esse passado”. O uso recorrente da imagem da bebida bem como do jovem se embriagando pode gerar a falsa ideia de que a obra do poeta estadunidense seja apenas resultado dos efeitos do álcool sobre sua mente, pois como afirma Jenny (1979, p. 23) “o problema da intertextualidade é fazer caber vários textos num só, sem que se destruam mutuamente, e sem que o intertexto [...] se estilhace como totalidade estruturada”.

O diálogo entre a ficção e a vida do poeta também se faz notar, de forma mais acentuada, na primeira cena do filme *The Raven* (2012), cujo roteiro é de Ben Livingston e Hannah Shakespeare e direção de James McTeigue, no qual são retratados os últimos dias da vida de Poe. Nele, a atmosfera de horror começa com a imagem de Poe sentado em um banco de praça sendo observado por um corvo pousado em um galho de árvore. A ave voa em direção ao céu e Poe contempla o voo da ave em torno da lua. Conforme a ave gira anoitece e, ao voltar em direção a terra, o leitor/expectador ouve um grito aterrorizante. O início da trama cinematográfica faz alusão à sétima estrofe do poema, a qual retrata a entrada esvoaçante do corvo nos aposentos do amante, ao mesmo tempo em que sugere que a ave habita em Poe, uma vez que na a tradição céltica as aves têm o poder de despertar os mortos e matar os vivos (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p.154-156).

Há certa semelhança entre a película cinematográfica e *The Raven by Edgar* *Allan Poe - Musical Adaptation* (2011)*,* uma vez que a entrada esvoaçante do corvo nos aposentos do eu lírico, presente nos versos da sétima estrofe do poema, na adaptação musical também é retratada por meio da imagem da ave voando sobre a lua. Ao se observar a imagem, tem-se a impressão de que a ave vem do espaço, pois esta está em primeiro plano, sobreposta à imagem da lua, ou seja, retoma a imagem de mensageiro que a ave, de um modo geral, encerra. E, por outro lado, recupera a tradição céltica, no que tange ao poder que as aves têm de despertar os mortos e matar os vivos, por meio da suavidade de sua música, ou seja, a imagem revela a volta da alma que vaga em “hora morta” – representada pelo corvo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p.154-156).

A análise da mesma estrofe na tradução efetuada para o terceiro episódio *Os Simpsons,* denominado *No Dia das Bruxas I* (1990), requer a retomada do ensaio A Filosofia da Composição, Poe afirma: “aproveitei-me da força do contraste, tendo em vista aprofundar a impressão derradeira. Por exemplo, um ar do fantástico – aproximando-se o mais possível do burlesco – é dado à entrada do Corvo. Ele entra em tumulto, a esvoaçar” (1997, p. 918). Esse trecho do ensaio revela o ponto em que o poeta pode escolher entre o trágico e o cômico, ou seja, se mantivesse o tom fantástico, despertaria o riso e não a comoção.

No processo de construção do poema, o tom fantástico próximo ao burlesco é trocado “por um tom da mais profunda seriedade” e, no episódio de *Os Simpsons* (1990), o ar de seriedade é substituído pelo tom burlesco, tonando evidente fica a escolha pelo cômico, o qual é mantido ao longo do episódio e, portanto, a inserção do corvo no campo visual do leitor/expectador não ocorre de forma esvoaçante, mas de modo tranquilo e irônico a ave passa embaixo das pernas de Homer e segue caminhando pelo aposento. De salto em salto, ela em sobe uma estante, sobre a qual está o busto de Pallas. Ao contrário do corvo de Poe, o corvo de *Os Simpsons* não pousa sobre o busto, mas senta-se sobre ele e deixa a pernas balançando. O episódio de *Os Simpsons* (1990) parodia o texto original e subverte o efeito de horror produzido pelo texto original, subversão esta presente também nas falas de Barth ao indagar se ele e Lisa já estão assustados. Como resposta, Lisa afirma que está sendo criada a atmosfera. Nota-se que o *leitmotiv* do poema, ou seja, o horror perante e à morte e à possibilidade de retorno da jovem, foi recuperado, porém, no presente, a possibilidade de retorno do mundo dos mortos passou a fazer parte do maravilhoso e, portanto, já não assusta mais nem mesmo as crianças. Barth e Lisa representam o leitor ciente das etapas do processo de criação. E, a intertextualidade com a obra de Poe torna-se evidente na cena em que corvo, tentando fugir de Homer, retira da estante os volumes *de O poço e Pêndulo* (1842), *O coração Denunciador* (1843) e *A Carta Furtada* (1845). Tais obras são retiradas da estante e atiradas pelo corvo sobre Homer na mesma sequência temporal em que as respectivas narrativas foram publicadas.

Na quinta estrofe, cujos versos retratam o amante tentando ver quem está batendo à sua porta, em *The Raven by Edgar Allan Poe - Musical Adaptation* (2011), além dos recursos de áudio com a declamação da referida estrofe, há também a imagem de um gato preto, cujos olhos se sobressaem, demonstrando a atitude do eu lírico de sondar “a noite erma e tranquila”, olhando-a a fundo e tendo sonhos que “ninguém ousou sonhar iguais (POE, 1997, p.896)”. A imagem do gato, tal como afirma Chevalier, pode ser considerada como uma alusão à tradição dos índios Pawnee da América Norte, para os quais esse felino simboliza destreza, reflexão, um observador malicioso e ponderado visando sempre seus objetivos; e ao mesmo tempo dialoga com o conto *The Black* *Cat* (1843), no qual o gato preto torna-se o delator do criminoso. No referido conto, o gato remete a simbologia que a imagem do felino encerra na cultura mulçumana, ou seja, o animal que “lança as almas culpadas para as águas infernais” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p.525).

A subversão paródica do texto original, no episódio de Os Simpsons (1990), torna-se ainda mais evidente na cena que retrata os versos da quinta estrofe, pois Homer ao ouvir às batidas na porta se esconde embaixo da poltrona e, em seguida, ao abrir porta tapa os olhos com as mãos, gesto que revela o medo que o alimenta.

Já no filme The Raven (2012), é o próprio Poe que contempla o voo do pássaro em direção ao luar, bem como seu retorno em direção a terra. E, a entrada esvoaçante do corvo no filme, funde-se ao assassinato de uma jovem, em torno do qual a trama cinematográfica se configurará. Há um distanciamento temporal entre o poema e o filme e, portanto, a película dialoga não só com o texto de origem, mas também com a narrativa *The Murders in the Rue Morgue* (1841), fazendo alusão ao gênero conto policial, do qual Poe é considerado o precursor. Nesse sentido o filme, atualiza a história da criação desse gênero, ao mesmo tempo em que faz referência ao poema, a partir do qual, Poe revelou em *Philosophy of Composition* (1846) sua forma peculiar de criar – a engenharia do avesso. Ao descrever o processo de configuração do poema, Poe mostra as escolhas que lhe permitiram estabelecer um efeito, bem como a forma e a extensão apropriadas para a manutenção dele. No que diz respeito à tradução intersemiótica , Plaza enfatiza a interferência da linguagem, dos suportes e dos meios sobre processo de tradução, e no filme em apreço, constata-se que a cenografia, a trilha sonora e, sobretudo, a intertextualidade com a obra de Poe, permitiram ao cineasta levar, por meio de recursos audiovisuais, a materialização da “engenharia do avesso” teorizada e empregada por Poe na configuração tanto das narrativas quanto da poesia. E, sendo assim, passado-presente-futuro foram “atravessados pelas antigas e novas formas tecnológicas” (PLAZA, 2003, p.10-11).

A animação *O corvo de Edgar Allan* *Poe* (2014) e o curta-metragem *Edgar Allan Poe’s The Raven* (2013), estabelecem relações de correspondência entre o texto original e suas respectivas traduções audiovisuais, uma vez que as imagens inseridas no campo visual do leitor/internauta correspondem à oralização dos versos do poema e, portanto, a entrada do corvo é mantida tal como ocorre no texto original.

Os versos da última estrofe do poema retratam o momento em que o amante sucumbe perante a impossibilidade de retorno da amada, dada a recorrente resposta, “ nevermore”, que a ave fornece a cada pergunta por ele efetuada. O eu lírico narra que o corvo ficou sobre o busto de Pallas e a luz projetava a sombra disforme da ave no chão, na qual encontrava-se presa a alma dele. E, em *The Raven by Edgar Allan Poe - Musical Adaptation* (2011), novamente há inserção no campo visual do leitor/internauta a imagem do cemitério, local onde além das lápides dos túmulos estão, em primeiro plano, a estátua de Pallas e ao fundo corvo pousado sobre uma cruz. Esta imagem remete a imagem empregada na primeira estrofe e estabelece um diálogo intratextual com a própria adaptação, bem como estabelece uma relação intertextual com processo criativo de Poe, para quem o poema deve ter seu começo “pelo fim, por onde devem começar todas as obras de arte” (POE, 1997, p.916).

O filme *The Raven* (2012) também termina com cena em que Poe novamente está sentado no mesmo banco de praça, revela o nome do assassino e volta o olhar para céu, em seguida e fecha os olhos, expira , como se estivesse librando a alma que estava presa ao corpo e morre. Já A animação *O corvo de Edgar Allan* *Poe* (2014) e o curta-metragem *Edgar Allan Poe’s The Raven* (2013) visam maior aproximação com os versos do original e, portanto, em ambos há inserção da imagem do amante sucumbindo sob a sombra do corvo. Porém, na animação computadorizada, o amante é posto de joelhos com a cabeça voltada para baixo, posição esta que demonstra a supremacia do corvo sobre o jovem. Na cena do curta-metragem, o jovem está deitado ao chão, com a cabeça encostada na estante e com os trajes decompostos. Ambas as traduções reforçam a simbologia que a ave encerra na tradição céltica, no sentido de ceifar a alma dos vivos.

Na cena final do episódio de *Os Simpsons* (1990), primeiro é retratada a bagunça que ficara o aposento – após as várias tentativas de Homer expulsar a ave lançando sobre ela livros e outros objetos – para depois ser focalizado Homer sentando sobre os livros que estão no chão. Na sequência é focalizado o corvo, como se ele erguesse uma das asas para alto, posição esta que remete a Estátua da Liberdade, cujo nome oficial é “Liberdade Iluminando o Mundo”. Ao contrário das demais traduções intersemióticas em apreço, Homer não morre, apenas demonstra-se cansado perante a insistência do corvo, o qual se mostrara ousado, irônico e zombeteiro. A frustação perante a repetitiva reposta da ave inerte “nevermore”, é descrita pelo eu lírico na décima estrofe do poema, bem como a esperança de que com a aurora a ave vá embora, mas no episódio em apreço, há fusão dos versos décima estrofe com os da última, como se pode notar pelo olhar de Homer e a desordem do aposento. A troca do tom de seriedade pelo de zombaria harmoniza-se com a estrutura interna do referido episódio, que retrata atividades realizadas durante as comemorações do *Halloween*, como, por exemplo, o ato de contar histórias assustadoras e os jogos de adivinhações, que na adaptação são representados pelas perguntas que o Homer faz ao corvo.

**Considerações Finais**

O recorte entre a profusão de traduções do poema de Poe que circulam pelo ciberespaço, revelando a grandeza da obra do poeta, bem como demonstrou ser a rede cibernética um espaço capaz de possibilitar ao leitor/internauta contemplar leituras que se entrecruzam e revelam os diferentes olhares projetados sobre o texto original, de acordo com diferentes épocas e contextos de produção**.**

A profusão de traduções intersemióticas de *The Raven*(1845), se deve não só a popularidade do poema, mas sobretudo sua configuração se dar de forma narrativa, pois os versos retratam as ações de um jovem atormentado pela dores da perda da mulher amada. Sendo assim, a trama configurada por Poe pode ser traduzida por meio de diferentes fábulas, que se utilizaram de diferentes recursos da era tecnológica, revelando diferentes possiblidades de reprodutibilidade técnica, dentre as quais destacam-se a exploração dos efeitos sonoros das rimas na adaptação musical associados a inserção de imagens no campo visual, o uso de recursos da computação gráfica presentes na animação *O corvo de Edgar Allan Poe* (2014), a transposição da história em quadrinhos para o desenho animado no terceiro episódio da segunda temporada de *Os Simpsons* denominado *No Dia das Bruxas I* (1990), bem como o curta metragem *Edgar Allan Poe’s The Raven* (2011) e o filme *The Raven* (2012), que lançam mão de toda a tecnologia inerente á sétima arte.

As traduções que compuseram o corpus deste trabalho fizeram leituras do texto original *The Raven* (1845), bem como do poema Lenore (1775) e, cada uma delas estabeleceu relações com o original, sejam elas de transgressão, realização, transformação ou adaptação. E, portanto, o produto de cada uma dessas traduções intersemióticas, tal como afirma Plaza (2003, p.) , “ envolve tudo o que circunda o texto , inclusive o contexto de sua produção, e de que o sentido é criado pela leitura, abandona-se a noção de o que o que se transporta de um texto para o outro é o sentido” . Sendo assim o filme The Raven (2012*), The Raven by Edgar Allan Poe - Musical Adaptation* (2011) e o terceiro episódio da segunda temporada de *Os Simpsons* denominado *No Dia das Bruxas* I (1990), por exemplo, devido ao diálogo intertextual que eles estabelecem com outros textos, não como apenas uma reescrita, mas como um mosaico de várias leituras almagamadas entre si.

A leitura executada por cada uma das traduções, aqui analisadas, permitiu penetrar em camadas mais profundas de significação tanto do poema *The Raven* (1845) quanto do ensaio Philosophy of Composition (1846), aquele por estabelecer um dialogo com o poema de Lenore de Burgüe e este por mostra-se profícuo também como suporte para as releituras executadas do poema que o originou.

**Palavras-chave:** *The Haven*, tradução intersemiótica; adaptação; transposição; ciberespaço.

**Referências**

BENJAMIM, Walter. A Obra de Arte na Época da Reprodutibilidade Técnica . In: ADORNO et al**. Teoria da Cultura de massa**. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 221-254.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. A tarefa–renúncia do tradutor. Tradução de Suzana K. Lages. In: HEIDERMANN, Werner (Org.). Clássicos da teoria da tradução. Florianópolis: USFC, Núcleo de Tradução, 2001, p. 189-215.

BRADELEY, Peter. *Edgar Allan Poe’s The Raven*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0K6-wO94-6I>. Acesso: outubro de 2018.

CAMPOS, Haroldo. O texto espelho: Poe, engenheiro de avessos..In: **A Operação doTexto***.*São Paulo: Perspectiva, p. 23-41, 1976.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Da transciação: poética e semiótica da operação tradutora**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, Edições Viva Voz, 2011.

DINIZ, Thais Flores Nogueira. **Literatura e Cinema: da semiótica à tradução cultural**. Ouro Preto: Ed.UFOP, 1999.

GENETTE, Gérard. ***Palimpsestos*: a literatura de segunda mão. (Extratos**) Edição bilíngüe. Cadernos Viva Voz. Trad. Luciene Guimarães; Maria Antônia Coutinho. Belo Horizonte: FALE; UFMG, 2005.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Trad. Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1970.

JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In: Poétique.Revista de teoria e análise literárias. Coimbra: Livraria Almedina, p. 5 – 49, 1979.

LEVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

METZ, Christian. **A significação no cinema**. Trad. Jean-Claude Bernadet. São Paulo: Perspectiva, 1972.

PLAZA, Júlio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva; Brasília: CNPq, 1987.

POE, Edgar Allan. *Ficção Completa, Poesias & Ensaios.* Trad. de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Os contos de Hawthorne. **Antologia de crítica literária**.Org. Albert D. Van Nostrand. Trad. Márcio Cotrim. Rio de Janeiro: Lidador, 45-53, 1968.

RUSSEL, Guto. O corvo – de Edgar Allan Poe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s6hvpaXPFKs> . Acesso: outubro de 2018.

SILVERMAN, David. O Corvo. In: No dia das Bruxas. DVD, 2a temporada,1990.

1. Artigo apresentado ao Eixo Temático 16: Literatura, Identidades e Manifestação Cultural nas Redes do XI Simpósio Nacional da ABCiber. [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutora em Estudos Literários pela FCLAR/UNESP, professora titular (concursada) no IMESB - Instituto Municipal de Ensino Superior de Bebedouro – “Victório Cardassi”. E-mail: anazanoni\_@hotmail.com. [↑](#footnote-ref-2)